

MUSICALIZAÇÃO NA MEDIAÇÃO CULTURAL COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (UNVILLE, Santa Catarina, Brasil)

Silvia Sell Duarte Pillotto (UNVILLE, Santa Catarina, Brasil)

Jane Mery Richter Voigt (UNVILLE, Santa Catarina, Brasil)

Jorge César de Araújo Pires (UNVILLE, Santa Catarina, Brasil)

RESUMO: O objetivo desse artigo é refletir sobre ações de musicalização na mediação cultural realizadas em espaços não formais como possibilidade de aprendizagem na infância. Os conceitos estudados abordam questões, como: musicalização infantil, educação não formal e mediação cultural. Alguns autores têm sido fundamentais para esses estudos: Penna (1990); Granja (2008); Martins (2014); Sarmento (2004); Vygotsky (2009); Passos; Kastrup; Escóssia (2014); Willems (2015) entre outros. A abordagem metodológica tem viés qualitativo com ênfase na cartografia. As ações de musicalização foram realizadas nos espaços da Rede Pública Municipal e no museu com crianças entre 4 e 5 anos de idade. Os resultados parciais da primeira fase da investigação apontam alguns processos de aprendizagem, como: a identificação de diferentes instrumentos musicais; a percepção das distintas sonoridades dos instrumentos tocados pelas crianças; a escuta dos sons produzidos de forma individual e/ou coletiva; a construção de outras sonoridades a partir da escuta; e, da criação musical, conforme o gestual da regência das músicas propostas, tocadas e cantadas durante as mediações.

Palavras-chave: Práticas Educativas; Musicalização; Mediação Cultural.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present reflections on music education actions in cultural mediation, carried out on non-formal spaces of education as a possibility of learning in childhood. The concepts studied address issues such as: children's music education, non-formal education and cultural mediation, with authors that have been essential in the research process, as: Penna (1990); Granja (2008); Martins (2014); Sarmento (2004); Vygotsky (2009); Passos, Kastrup and Ecóssia (2014); Willems (2015) among others. The methodological approach is qualitative with emphasis on cartography, since we are not only observers, but specially, we are also apprentices. The use of music were carried out in the spaces of the City Public School and in the museum with children between 4 and 5 years old. The partial results of the first phase of the investigation indicate some learning processes, such as: the identification of different musical instruments; the perception of the different sounds of the instruments played by children; the listening of the sounds produced individually and/or

collectively; the construction of other sounds from listening; and the music creation, according to the signs of the regency from the proposed songs, the playing and singing of the children during the mediation, even without them having had access to the rhythmic and melodic musical reading.

Keywords: Educational Practices; Use of Music; Cultural Mediation.

1. Introdução

O artigo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada num Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação e destaca a musicalização em processos de mediação cultural como possibilidade de aprendizagem na infância em espaços não formais de educação. Nossas escolhas têm sido atreladas por temas como: criança/infância, educação não formal, mediação cultural, aprendizagem e musicalização.

Com o aumento do público infantil nos espaços de arte e de patrimônio, e, na medida em que as crianças se habituem a interagir com obras/objetos de arte, sejam na música, nas artes visuais, na dança ou no teatro à sua maneira, há a necessidade de pesquisar novas possibilidades de aprendizagem.

Embora o contexto da educação infantil tenha conquistado espaços nos últimos anos, com maior ênfase a partir da inserção na Educação Básica, ainda temos resquícios da história em que os processos de aprendizagem da criança são limitados, especialmente em se tratando de espaços culturais para além da escola. É bastante comum no contexto social, especialmente na educação, considerar ou pensar na criança como tábua rasa, sem conhecimentos prévios ou como afirma Cunha (2002), numa visão naturalizada, como portadora de potenciais expressivos e criativos inatos.

Essas duas abordagens acabam por esvaziar o significado e o sentido da aprendizagem em arte/educação/cultura, pois não viabilizam o conhecimento sobre a linguagem/expressão musical, visual e corporal. Diante

dessa problemática, muitas vezes é reduzida a oportunidade das crianças de realizar experiências, de ter contato com materiais diversos, de conhecer e de vivenciar outros espaços e outros saberes. Com isso, limita-se o desenvolvimento do imaginário infantil em expressar, em interagir, em criar e em perceber o seu entorno, as pessoas, os espaços e os objetos de outra forma, de um jeito singular de ser.

É importante nesse contexto destacar a relevância das artes, aqui mais especificamente da música como uma experiência humana, pois perpassa as propriedades sonoras físicas e a relação do sujeito com o som. Nesse aspecto é fundamental que a criança possa desenvolver habilidades, como: audição, sensorialidade, ritmo, emotividade, criação e o canto como forma de expressão sonora.

Como nossa pesquisa tem a criança, como sujeito de experiência e aprendizagem, vale citar Quinteiro (2005, p. 24) quando estabelece inserções históricas dizendo que “os primeiros elementos de uma sociologia da infância, vão surgir e fixar-se principalmente por oposição à concepção de infância considerada como simples objeto, passivo de uma socialização orientada por instituições”. Portanto, olhar a criança como ator social, respeitando-a em seus direitos, entendendo a infância como categoria social do tipo geracional é sem dúvida o pressuposto conceitual da sociologia da infância (SARMENTO, 2004).

Pensar a criança como protagonista de sua própria história é ouvi-la no mais estranho dos silêncios, é compreendê-la no seu momento e no seu movimento ritmado de vida. Talvez devêssemos pensar nos saberes da criança não como algo dado, limitado e acabado, mas como processos que estão sempre iniciando em movimentos contínuos e infinitos.

Tendo essas questões como referências algumas indagações de pesquisa são importantes: a mediação cultural por meio da musicalização possibilita o aprendizado na infância? Como articular esses processos nos espaços

formais e não formais? Essas temáticas têm percorrido a trajetória de pesquisa, que se encontra em processo.

Para esse artigo especificamente, algumas provocações serão base para mobilizar a reflexão sobre as ações de musicalização no espaço não formal da educação, bem como nos espaços da educação infantil, que desenvolvem ações pedagógicas com as crianças, podendo também estendê-la a outros espaços culturais. É significativo considerar a musicalização como parte integrante dos processos de aprendizado da criança, em especial no desenvolvimento da escuta, das relações com os outros e com o entorno, e, nos aspectos sensíveis e perceptíveis. Essas são questões aqui tratadas, agregando a importância da mediação cultural nos movimentos de aprendizagem.

No desenvolvimento de nossa investigação ficou evidente a necessidade de conhecer o campo de estudo e os sujeitos, para que pudéssemos identificar pistas, trabalhar compartilhadamente e deixar que a experiência nos invadisse – mergulhar na pesquisa é vital!

Após conhecer o espaço, uma segunda etapa da pesquisa – selecionar o método, que para nós nesse momento ficava claro – a cartografia. O espaço escolhido foi uma Unidade de Educação Infantil da Rede Pública Municipal e um Museu Casa, entendendo que os espaços formais e não formais podem dialogar e construir identidades. Assim, para que as articulações pedagógicas entre a Unidade de Educação Infantil e o Museu Casa ocorressem foi necessário pensarmos numa curadoria educativa na unidade, que dialogasse de alguma forma com o Museu Casa, oportunizando as crianças a ter acesso à algumas imagens de obras e objetos instalados no Museu Casa.

Dessa forma, organizamos na Unidade de Educação Infantil uma Mostra de fotos/imagens do artista local que viveu no espaço, atualmente Museu e por esse motivo, Casa. As crianças olhavam e tocavam as fotos/imagens,

ouviam e produziam sons ao passar pela Mostra e movimentavam seus pequenos corpos em danças suaves ao som da flauta doce. Após essa primeira experiência, outras aconteceram no palco da unidade, com experimentos a partir de instrumentos sonoros de percussão, de sopro e de teclado, além de muitos sons com a voz. Os timbres, os ritmos e os andamentos foram acompanhados de canções conhecidas e outras nem tanto.

Em outro momento, o espaço do Museu Casa foi visitado pelas crianças e lá ocorreram outras mediações culturais por meio da musicalização. As crianças estiveram num espaço permeado por obras de arte, objetos e paisagem cultural com muitos sons: de canto, de instrumentos percussivos e da natureza, uma vez que o Museu Casa é localizado em meio a uma paisagem natural. Além disso, as crianças tiveram a oportunidade de apreciar um quarteto de dulcistas, o que lhes possibilitou outra forma de aprendizagem – a audição. Para elas foi uma experiência ímpar e encantadora!

Dessa forma, a escolha da temática dessa pesquisa se deve ao pressuposto que a prática musical pode ter também início nas escolas de música, nos centros de educação infantil entre outros espaços. Porém, a maior fonte é no contexto da sua própria casa, quando inicia a sua socialização com as pessoas e objetos sonoros numa abordagem ativa, em que o mediador (mãe, pai, irmãos, avós etc.), por exemplo, podem criar condições para o processo de conhecer os sons e até de concretizar a linguagem musical. Assim, a casa pode ser o primeiro espaço no qual as crianças tem contato com diversas sonoridades, ainda não conceituadas, mas cantadas e ritmadas.

2. Trajetórias conceituais

Como o centro de discussão desse artigo é percorrer o conceito de musicalização, buscamos nas teorias de Penna (1990) subsídios teórico-metodológicos. Para a autora, a musicalização mobiliza reflexões para além da abstração da música. Essa proposta visa repensar a musicalização numa

vertente sociológica e educacional para fundamentar a prática. Assim, podemos definir musicalização como: “[...] ato ou processo de musicalizar. Musicalizar (-se): tornar (- se) sensível à música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, mova-se com ela” (PENNA, 1990, p. 19).

A musicalização infantil, portanto, desenvolve na criança os campos: físico, mental, cognitivo e emocional. Na infância, a criança manifesta seu sentido rítmico da palavra e do movimento. A música, então, é capaz de imprimir na mente a compreensão da melodia das próprias palavras e como linguagem pode expressar ideias e sentimentos. Na infância a música se caracteriza pela ação e pelo ato concreto. Ao pensar ou expressar verbalmente uma ideia, a criança se encontra num processo de construção. A música proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação. Interage com o meio ambiente, incluindo os sons, as canções e outras manifestações.

Para Willems (2015) a música dialoga com as questões vivenciais. O autor defende que o estudo da psicologia é o fundamento básico no processo da educação musical infantil, destacando a relevância dos elementos fundamentais da música e suas relações com a condição humana - nas experiências musicais, especialmente no campo da educação.

Muitos professores podem dar os primeiros rudimentos da música às crianças, porém, poucos possuem condições de enraizar as bases na vida musical. A primeira infância é ideal para que um professor de música faça um trabalho de preparação musical. Antes disso, o papel do professor é o de atrair a atenção das crianças aos fenômenos sonoros e rítmicos.

A melodia, portanto, é o elemento musical essencial e o mais característico da música para as crianças. O ritmo e sons instrumentais, por sua vez, estão unidos no canto. Assim, é fundamental que a criança vivencie os elementos e as propriedades musicais antes de tomar consciência deles (WILLEMS, 2015).

Dessa forma, o canto precisa impreterivelmente estar presente na iniciação musical das crianças, contribuindo para o desenvolvimento da audição (WILLEMS, 2015). É por meio da melodia que o ritmo e a harmonia são agregados, podendo assim desenvolver a musicalidade e a audição num movimento sensível e eficaz.

As canções populares, por exemplo, são instrumentos de aprendizagem musical, pois as crianças, além da experiência com as culturas, aprendem em dimensões para além da escola, ou seja, esse aprendizado pode ocorrer em outros espaços não formais de educação.

Na compreensão de Vygotsky (2009) a cultura é a dimensão da atividade humana que nos diferencia dos outros animais em função dos processos de mediação, que permitem a socialização e a comunicação dos indivíduos. O autor considera que o desenvolvimento humano pode ser visto como um reflexo ativo da realidade, construído a partir da prática social, com a participação da prática do sujeito, numa vivência frente ao mundo e ao seu entorno.

A educação, nessa perspectiva pode se apresentar como um importante componente cultural que possibilita o processo contínuo do saber e do aprender. A ação de valorização e de significação se origina e se concretiza na vida, com as experiências. Assim, reconhecemos que o conhecimento é criado e (re)criado sem que haja a separação da consciência humana; pois essa construção é realizada por nós coletivamente, buscando e tentando dar sentido ao nosso mundo.

Dessa forma, as ideias de Willems (2015) e Vygotsky (2009) têm convergência na ciência da psicologia e da educação. Os estudos de Vygotsky (2009) são voltados para a compreensão das origens sociais e para as bases culturais do desenvolvimento humano. Os estudos de Willems (2015) na educação musical propõem o canto também como fonte de reconhecimento cultural do sujeito.

Para Willems (2015) o som deve ser despertado na criança, pois ao escutar sons paralelamente ao tato, ajuda a criança a ter os ouvidos mais apurados. Em seu método são utilizados sons do cotidiano como, por exemplo, garrafas, metais e objetos caseiros, podendo estabelecer algumas frases rítmicas.

O ritmo é caracterizado pelo movimento ordenado como o bater palmas, quando as mãos chocam/percutem uma com a outra. Esses choques/percussões permitem à criança entrar em contato com diversos materiais sonoros e ao mesmo tempo podem tentar conhecer potencialidades do seu próprio corpo. Com o ritmo podemos trabalhar a repetição, a alternância, a intensidade, a velocidade entre outros aspectos musicalizadores.

As canções, por sua vez, representam no método de Willems (2015) uma ferramenta global de aprendizagem. Nesse contexto, nas canções populares tradicionais ensinadas na sua terra natal, com os avós, com os pais ou com os vizinhos, as palavras são as mais importantes, mais ainda que a própria sonoridade/entonação ou afinação vocal. Essas canções reportam à criança um trabalho auditivo e por serem simples, auxiliam na identificação dos sons mais sensíveis, facilitando também a entonação. Ao cantar a criança pode interagir socialmente. O canto é desenvolvido pelo ato de escutar antes de falar. Como já dito, o canto não está apenas na escola, mas em vários outros contextos culturais: na família, nas ruas, nas igrejas, nos teatros entre outros.

Para os autores Willems (2015) e Vygotsky (2009), a cultura está impregnada de saberes e fazeres, e, nesse sentido, o canto está presente como uma forma de relação/interação humana, especialmente nos primeiros anos de vida do ser humano – na infância. Cantar faz parte das ações cotidianas. As crianças cantam com as famílias, com outras crianças no ato de brincar, na escola e por aí fora. Cantar e escutar outros cantando, agrega sentidos outros, que na visão de Willems (2015) e Vygotsky (2009), constitui o que nós somos e quem nós seremos um dia.

Portanto, o canto com seus movimentos sonoros e ritmos, é fundamental nos processos de aprendizado, pois traz consigo códigos e signos, ora explícitos, ora nem tanto. O que importa é que cantar deve fazer parte do contexto infantil, seja nos espaços formais ou não formais de educação.

Vale então, destacar no contexto de nossa pesquisa, a educação não formal e por vezes informal, que segundo Gohn (2008, p. 107) é aquela “[...] transmitida pelos pais na família, com convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc.”.

Assim, optamos também pelo espaço museológico para desenvolver mediação cultural, tendo como base os elementos e propriedades musicais, como: melodia, harmonia, ritmo, intensidade, altura, timbre e duração por meio da musicalização. A experiência com a musicalização como foco da mediação cultural em um museu foi o desafio dessa pesquisa, especialmente na sensibilização das crianças em seus processos de aprendizagem no que se refere aos aspectos culturais, sociais, estéticos, éticos e de cidadania. Como bem diz Sanches, Ferreira- Santos e Almeida (2012, p. 27)

[...] da mesma maneira que para ser educativa, a arte precisa ser arte e não arte – educativa, o museu para ser educativo precisa ser espaço de cultura e não museu educativo. É na sua precípua ação cultural que se apresenta a sua possibilidade de ser educativo. Aqui reside sua função mais importante.

Podendo ainda ser narradora da história, a criança se percebe também como sujeito partícipe. Dessa forma, o Museu Casa como espaço não formal de educação, pode se configurar num espaço lúdico, dinâmico e imprevisível, ocorrendo assim uma ação mediadora em que crianças e adultos constroem e (re)significam suas e outras histórias.

No entanto, a mediação cultural, grosso modo, é entendida muitas vezes como trabalho de monitoria desenvolvido em alguns espaços culturais, como: museus, galerias de arte, bienais, teatros, salas de concertos entre outros. Porém, existem outros conceitos de mediação cultural.

Em nossa pesquisa, mediação cultural é entendida como uma atitude pedagógica e como ato social. Muito mais de provocações e proposições do que necessariamente de explicações e verdades absolutas. De qualquer forma, em nosso contexto, a mediação cultural em musicalização, especialmente para crianças nos espaços museológicos é praticamente inexistente. Essa lacuna pode reduzir outros tantos processos de aprendizagem envolvendo a escuta. E como afirma Granja (2008, p. 65)

Ouvir é captar fisicamente a presença do som. [...] Escutar, por outro lado seria dar significado ao que se ouve. [...] A escuta é o sentido da convivência e da significação. Ela nos permite ter acesso à palavra falada e, com isso, ao mundo das outras pessoas e do conhecimento. A escuta é a instância fundamental tanto na linguagem verbal como na musical.

A música é também uma linguagem, a qual permite falar diretamente aos sentidos, razão essa de estar ligada à percepção musical da escuta e não da própria demanda da música - a música pela música, pois os animais também ouvem música tanto quanto os humanos, porém, somente os humanos podem atribuir significado e sentido aos sons. Os quais, chamamos de música.

Assim, refletir sobre a visitação do público infantil em espaços culturais locais, enfatizando a mediação cultural, tem sido também uma das metas da pesquisa. O fato de o público infantil aumentar dia a dia nos espaços culturais evidencia a necessidade de estudos e reflexões para que essa ação contemple, de fato, as especificidades que a criança necessita, possibilitando outras linguagens/expressões da arte e outras formas de aprendizagens (MARTINS, 2008).

A mediação cultural é social na perspectiva da reconstrução e reinvenção do ser e do meio em que vive. Barbosa e Coutinho (2009, p. 184) afirmam que “[...] garantir que a experiência vivida no espaço transitório da mediação tenha uma ressonância na vida das pessoas, e, no caso específico do público escolar” é imprescindível numa educação democrática e,

sobretudo, dialógica. Portanto, pressupõe uma postura diferenciada no encontro entre arte e cultura e, nesse sentido, os agentes da mediação precisam compartilhar essa prática. Sobre essa questão, Lima (2009, p. 148) afirma que

Já não bastam informações e orientações, é preciso construir novos paradigmas de ação que todo o tempo nos diz e nos pede “mediações”. É esse estado que gera desafios. E eles se amplificam se considerarmos os diferentes ambientes de apreensão e compreensão.

A criança precisa de novos espaços, novos objetos, imagens e sons para aprender novas formas e ampliar seus olhares. Precisa, principalmente, de abordagens lúdicas em que o brincar se mistura com o apropriar, o aprender e o se relacionar com o outro e com o entorno. Para Sarmiento (2004, p. 23) o mundo da criança “[...] é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social”. Nas interações da criança com seus pares, com os adultos e com variados espaços culturais é que ela entra em contato com os saberes do mundo e num processo constante de vivências vai construindo identidades.

No entanto, vale destacar que é preciso aos profissionais que trabalham com crianças, o entendimento de que toda e qualquer ação dela permeia a via do lúdico e da experiência. É por esse caminho que as práticas nas instituições formais e não formais de educação podem ser pensadas a luz também da criança, pois esse momento será fundamental nos processos de aprendizagem.

Dessa forma, a articulação dos espaços formais e não formais com ênfase na mediação cultural, tem sido destaque nas discussões educacionais, uma vez que os benefícios dessa interação para uma mediação significativa em que a crítica e a sensibilidade caminham juntas é uma atitude contemporânea.

Essas questões são relevantes para pensar a mediação cultural com o público infantil nos espaços formais, não formais e informais da educação. Na medida em que as instituições desenvolvem trabalho educativo com a criança e se ocupam dos espaços culturais locais, há a necessidade de refletir sobre ações mediadoras em que o encontro entre educadores do museu, professores de música, professores de educação infantil, gestores e comunidade, possam compartilhar dessas práticas.

3. Fazendo a caminhada

A abordagem apropriada para nossa pesquisa é a qualitativa, uma vez que, como nas palavras de Flick (2004, p. 22) “[...] considera que pontos de vista e práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas subjetivas e ambientes sociais a eles relacionados”. É por meio desse enfoque que estamos percorrendo nossos caminhos nessa investigação.

A pesquisa qualitativa envolve valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, consolidando-se “ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30).

Nessa perspectiva, fazer uso desse tipo de abordagem é investigar opiniões, percepções, representações, sentimentos, centrando-se na visão do sujeito e no objetivo do que se está investigando. Propõe romper com a dicotomia entre pesquisador e pesquisado (pois ambos estão em processo de aprendizado), além de não assumir mais a posição de neutralidade. A pesquisa qualitativa não apenas constata, busca a descoberta; não apenas mensura, também interpreta (GATTI; ANDRÉ, 2010).

Pela via da pesquisa qualitativa adentramos no método da cartografia, que busca intervir, ou nas palavras de Passos; Kastrup; Escóssia (2014, p. 26) fazer um “[...] mergulho no plano implicacional em que as posições de quem

conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes [...]”.

Os movimentos dessa pesquisa, portanto, caminham por esses vieses da observação de campo, construção de conhecimentos, anotações, fotografias, f ilmagens, diálogos e experiências múltiplas, tanto na Unidade de Educação Infantil quanto no Museu Casa.

Foi assim, libertos de qualquer paradigma pré-estabelecido que numa certa manhã, chegamos à Unidade de Educação Infantil, entusiasmados para iniciar nossas ações em mediação cultural com 25 crianças entre quatro e cinco anos. Nosso desafio estava posto: fazer curadoria educativa com fotos/imagens do artista local, que teve um dia sua residência no hoje Museu Casa, destacando nesse trabalho a ideia de passagem, de atravessamento entre uma imagem e outra; entre as crianças, as imagens e o espaço.

No palco da Unidade de Educação Infantil, organizamos um espaço em que colocamos instrumentos musicais de percussão, de teclado, de flauta entre outros. Depois de tudo organizado, fomos até a sala onde estavam as crianças com suas professoras, e, em meio a um misto de surpresa, as crianças nos seguiram ao som da flauta doce vermelha com músicas que provocavam nas crianças a vontade de saltitar, de cantar, de brincar e de se divertir.

As crianças nos seguiam imitando nossos movimentos de abaixar, de contornar e de circular até o espaço da Mostra composta por dez fotos/imagens das obras do artista local, penduradas com longos fios de nylon, ao alcance dos olhos das crianças e de forma circular corporificavam sonoridades, sentidos, desejos e aprendizados.

Nesse momento perguntas saltitavam: “quem é esse artista? Já morreu? E essa casa, de que é? Ela é velha? Ele mora na casa? Essa moça é careca? Quem é esse homem de cabelo bagunçado? Conheço essa praça... Essa

é de quem? Tenho uma bicicleta também!”. O nosso pensamento cartográfico entrou no campo visual, corporal e sonoro. Vide Fotografia 1.

Fotografia 1 – Crianças e pesquisadores em ação de mediação cultural na unidade de educação na ocasião da mostra infantil



Após a experiência de conhecer as fotos/imagens das obras do artista e, ainda, saber que ele criava suas esculturas ouvindo Beethoven, as crianças foram convidadas novamente ao som da flauta a se locomoverem para outro espaço da Unidade de Educação Infantil. Logo, bem pertinho, encontraram os instrumentos musicais: sinos, guizos, ovinhos, reco-reco, triângulos, clavas e tantos outros. A musicalização estava instaurada. A pequena flauta era a grande dama da manhã! Todas queriam pegar e tocar e isso nem estava no roteiro planejado, mas a mediação exigiu essa atitude sonora.

Com a experimentação dessas sonoridades/atitudes/mediações, sem demora as crianças voltaram seus olhos e ouvidos para a fala de um dos pesquisadores “quando eu fizer assim (gesto com as mãos para cima) é para tocar, quando eu fizer assim (gesto com as mãos para baixo e fechando os dedos) é para parar”. E assim, mexe e mexe, bate e bate, chacoalha, para e volta. Tudo virou brincadeira. Tudo virou movimento e muita alegria. Ao som do teclado, as crianças se mexiam e remexiam... Som dali, som daqui.

Acompanhar o som vindo do teclado era um desafio para todos nós. Mais uma vez, mexe e mexe, bate e bate, chacoalha.

E o canto? Surge o canto em “lará, larás...”, numa melodia que até o momento era desconhecida pelas crianças que, logo acharam seu ritmo no timbre de várias vozes. As canções desconhecidas foram sendo tocadas e as conhecidas, cantadas pelas crianças, numa rica experiência de tocar e cantar ao mesmo tempo em distintos andamentos e intensidades.

Depois disso, voltamos ao som da flauta que docemente era tocada com uma canção popular, levando as crianças novamente a Mostra. Ao final da manhã ainda estávamos desmontando o palco, guardando os instrumentos enquanto as crianças eram levadas pelos seus pais contanto as várias histórias musicais, visuais e com muito movimento.

Num outro dia, num amanhecer não tão ensolarado esperamos as mesmas crianças no Museu Casa. Esse Museu é um espaço extraordinário... Era a casa do artista, a qual foi apropriada pelo setor público como museu, onde estão obras, objetos e indumentárias do artista. É um espaço aberto rodeado por uma floresta, muita grama, bancos para se sentar e apreciar a natureza. Localizado num morro de preservação ambiental, o espaço é propício para mediação ao ar livre também.

O esperado naquela manhã é que não chovesse para que pudéssemos aproveitar tudo! Chegamos cedo, colocamos as fotos/imagens no espaço dos artistas locais (externo ao Museu Casa), penduradas em bambolês para que pudéssemos lembrar o mesmo movimento da mostra que fora realizada na Unidade de Educação Infantil dias atrás.

Crianças chegando! Enquanto lanchavam, aproveitamos para colocar alguns instrumentos em toras de madeira para que as crianças os visualisassem e pudessem ter uma experiência sonora e rítmica! Vide Fotografia 2.

Fotografia 2 – Crianças e pesquisadores em ação de mediação cultural no Museu Casa



A música estava literalmente no ar! O contágio foi tão grande que até os adultos pegaram os instrumentos que restaram ali e tocaram também. Os sinos foram a paixão das crianças. Umas diziam “olha a música do natal”, outras diziam “tem outro som”. As professoras, os mediadores do Museu e os demais pesquisadores pararam para escutar/ouvir a música, pois existia ali uma melodia sim, junto com harmonia, com ritmo e realizada naquele momento, naquela experiência por crianças sem terem tido aulas de música anteriormente.

Num anexo ao Museu Casa, uma espécie de ateliê, onde abriga obras e ferramentas do artista, colocamos mais duas estantes e partituras para serem tocadas por um dos pesquisadores e por alguns amigos/flautistas. A ideia era de que, tanto na entrada, quanto na saída do Museu Casa, as crianças vivenciassem a escuta. As crianças ouviram as músicas que foram tocadas e cantadas na Unidade de Educação Infantil, reconhecendo-as, ao mesmo tempo em que escutavam os amigos/flautistas tocando. Nesse momento, é difícil descrever em palavras o olhar das crianças, quanto mais a sua escuta sensível.

Também na varanda da Casa do Museu, foi realizado um pequeno concerto para as crianças. Tocamos canções infantis, algumas conhecidas por elas,

outras não. De qualquer forma, nenhuma delas queria parar de cantar! “Mais uma, mais uma!” Eram os pedidos das crianças. Fizemos mais algumas canções e as conduzimos para uma roda de conversa, ou melhor, uma contação de história com movimentos sonoros e corporais.

À medida que um dos pesquisadores narrava histórias em fragmentos, as crianças acompanhavam sonorizando e movendo os corpos de acordo com a condução da narrativa. Questões referentes à trajetória do artista, da casa e da paisagem natural foram absorvidas pelas crianças de forma lúdica e imagética.

No intervalo de uma ação mediadora à outra, as crianças foram provocadas a explorar o espaço, tanto interno quanto externo do Museu Casa. Sons, de folhas balançando, passarinhos cantarolando, o vento, os passos nas pedras e na grama, tudo isso era composto de sonoridades.

Chegou a hora! O ônibus com sua buzina estridente chamava as crianças - hora de ir embora. Mas, as crianças ainda queriam permanecer e seus sentidos estavam alertas, mesmo depois de duas horas com ações de mediação cultural. Nessa totalidade, a mediação cultural pelo viés cartográfico indicou novos caminhos em musicalização e expressões sonoras possíveis nos espaços formais e não formais da educação. Uma experiência para todos nós - crianças, professores, pesquisadores, amigos/flautistas, gestores e coordenadores.

4. Últimas reflexões

Entendemos que nas últimas décadas, avanços ocorreram com relação à educação formal e não formal, aos espaços culturais, a criança/infância, a mediação cultural e a musicalização.

As Unidades de Educação Infantil têm criado movimentos, buscando articular às suas práticas educativas processos de aprendizagem relacionados aos espaços não formais de educação e experiências de vida.

No entanto, temos observado também que essas práticas ainda são reduzidas, muitas vezes pela negligência e desconhecimento do adulto com relação ao potencial infantil. Da mesma forma, o conceito de musicalização ainda continua estereotipado, uma vez que muitos profissionais a entendem sempre a serviço de algo, a exemplo – uma musiquinha para a higiene, outra para homenagear alguém e quase nunca como processo de aprendizagem em que o papel do professor como mediador faz diferença. Reiterando as palavras de Penna (1990) é imprescindível provocar a sensibilidade do professor/pesquisador/mediador e das crianças, criando ondas que se movem em afetamentos. Mover-se é, sobretudo, um processo de mudança e de sentidos.

Com uma perspectiva diferenciada, realizar mediação cultural num museu é muito mais do que fazer visitas guiadas, direcionadas com roteiros definitivos, que não levam em conta o imprevisível e o inusitado – a experiência. A mediação pode mobilizar a escuta, o diálogo e a inquietude de aprender. Apresenta propostas que podem envolver crianças, espaços, objetos, sons e saberes. E como afirma Leite (2005, p. 44) ao tratar de crianças no museu é muito importante destacar que nós profissionais, “[...] deveríamos estar mais atentos ao não fechamento em torno de sentimentos e evocações imagéticas, [...] não deveríamos nos supor no direito de conduzir seu olhar de forma tão diretiva e monóloga”.

Nesse primeiro momento da pesquisa, no método da cartografia, obtivemos importantes pistas que, apesar de parciais, tornaram-se consistentes. As crianças tiveram contato com os instrumentos de percussão na Unidade de Educação Infantil, e, num segundo momento no Museu Casa, onde percebemos que os instrumentos não eram mais novidade – as crianças já

sabiam como tocá-los ou percuti-los diante do processo de mediação realizado anteriormente.

Outro fator importante foi a escuta das crianças e a construção de outras sonoridades. Elas estavam mais atentas às sonoridades, não apenas dos instrumentos, mas das músicas as quais reconheceram algumas melodias que tocamos e cantamos na Unidade de Educação Infantil.

Entretanto, no Museu Casa a experiência da escuta foi ampliada. Por várias vezes as crianças, voltaram-se para o fazer musical entre uma ação visual e outra sem nossas intervenções, sejam das professoras ou mesmo do educador do Museu Casa. As crianças construíram sonoridades a partir da escuta dos sons do próprio espaço do Museu Casa, tanto interno quanto externo e, a criação das sonoridades pelas crianças geraram melodias e um cantar durante o processo das mediações.

Portanto, ao final dessa etapa de pesquisa, pensamos ter contribuído no sentido de propor a reflexão teórico/metodológica com nossos parceiros (pesquisadores, professores, gestores e coordenadores). Porém o maior aprendizado foi a experiência, o fazer coletivo, o pensar compartilhado e o atravessamento sonoro. Tudo isso, respeitando as singularidades e as diferenças, que no conjunto da obra, tornam-se experiências coletivas. Experiências multicores, entrelaçadas por vozes em movimento, texturas, objetos sonoros, paisagem cultural e pessoas. Pessoas/criança e pessoas/adultos que puderam criar sentidos, amorosidades, afetos e aprender outras maneiras de se expressar, de se relacionar e de se inquietar diante do imprevisível.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cor, som e movimento: a expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

- FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). Metodologias de pesquisa qualitativa em educação – teoria e prática. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.
- LEITE, M. I. Museus de arte: espaço de educação e cultura. In: LEITE, M. I.; OSTETTO E. L. (Orgs.). Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.
- LIMA, Joana D’Arc de S. Trocando experiências: a aventura moderna revisitada na proposta de mediação da mostra acácio gil borsói e os artistas vicente do rego monteiro e joão câmara. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. Instituto Sangari. São Paulo: Editora RBB, 2008.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (Orgs.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- SANCHES, Janina; FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério. Arte, museu e educação. Curitiba: VRV, 2012.
- SARMENTO, Manoel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). Crianças e Miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Portugal: ASA, 2004.

VYGOTSKY, Levi. A imaginação e a arte na infância. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editoras, 2009.

WILLEMS, Edgar. El valor humano de la educación musical. 5. impresión. Barcelona, Espanha: Paidós Educador, 2015.

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Mestranda em Educação pela Universidade da Região de Joinville UNIVILLE em Joinville, SC. Especialização em Fundamentos do Ensino da Arte e Graduação em Licenciatura em Música pela Faculdade de Artes do Paraná (2007). Diretora Pedagógica do Conservatório Belas Artes de Joinville/SC. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa/NUPAE/ UNIVILLE/SC. <http://lattes.cnpq.br/2989892143398500>

Silvia Sell Duarte Pillotto

Pós-Doutora no Instituto Estudos da Criança - IEC na Universidade do MINHO - UMINHO, Braga/Portugal em 2007/2008. Professora no Programas de Pós-Graduação - Mestrado em Educação na Universidade da Região de Joinville. Coordenadora de Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE. <http://lattes.cnpq.br/3787447361829087>

Jane Mery Richter Voigt

Doutora em Educação - Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC. Professora da Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE em cursos de graduação e no Programa de Mestrado em Educação. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE/UNIVILLE <http://lattes.cnpq.br/8014975082797133>

Jorge César de Araújo Pires

Mestrando em Educação pela Universidade da Região de Joinville; Graduação em Superior de Instrumento Flauta Transversal pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e graduação em Musicoterapia - Conservatório Brasileiro de Música Centro Universitário. Instrutor de projetos em música da Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul. <http://lattes.cnpq.br/7919070291982987>